



Prof. Marco Pádua

CAMILLO BOITO

O caminho do meio

*“Tendo vivido entre 1.836 a 1.914 é figura destacada no panorama cultural do século XIX, tendo sido arquiteto, restaurador, crítico, historiador, professor, teórico, literato e um analista dos mais argutos de eu próprio tempo. Teve ainda papel relevante na transformação da historiografia da arte e na formação de uma nova cultura arquitetônica na Itália. Como restaurador e teórico, tem um lugar consagrado pela historiografia, sendo a ele reservada uma posição intermediária e moderada entre Viollet-le-Duc e Ruskin. Entre seus numerosos escritos, encontram-se **Os Restauradores**, conferência apresentada durante a exposição de Turim em 1.884 e publicada no mesmo ano. Esta obra reveste-se de grande importância, pois é um dos textos em que Boito sintetizou experiências e conceitos que se acumularam no decorrer do tempo, reformulando-os e estabelecendo alicerces importantes para a atual teoria da restauração de bens culturais. Suas preposições aparecem não apenas como uma síntese da soma das várias contribuições daquele período, mas como uma verdadeira reelaboração crítica.”*

(...) Em geral, nós, que discorremos sobre arte, fazemos como o padre Zappata, o qual "deveríamos seguir em palavras, mas não em feitos" ¹; mas em nenhum campo é tão difícil operar e tão fácil refletir quanto naquilo que se refere à restauração dos monumentos arquitetônicos. Os senhores escutam, a todo o momento, os deputados na Câmara, os jornalistas em seus textos ligeiros, os engenheiros em seus congressos, os acadêmicos nas suas assembléias, ditar sentenças repletas de sabedoria em relação aos modos de conservar para os nossos netos, sem que percam nada do aspecto antigo, as grandes obras de nossos avós. E os pobres arquitetos, os pobres membros, das Comissões, encarregados de algumas restaurações, são gente que deveria estar na berlinda ou ser mandada diretamente ao patíbulo; e sentimo-nos felizes quando se pode fazer eco aos nobres desdêns dos estrangeiros, notadamente dos ingleses, reavivando-os e enfocando-os de novo.

1. No original, "predicava bene e razzolava male, expressão idiomática que significa que só em palavra se comportava bem.

O mal deve ser revelado sem remissão, estamos de acordo; mas, antes de gritar bárbaro, seria necessário examinar se o bárbaro poderia ter feito de outro modo. Todos os senhores conhecem Veneza. Não é uma cidade deste mundo: é uma miragem divina. Eu, entretanto, a imagino ainda mais bela. Quando, como em Aquiléia, como em Grado, como em Torcello, o assoreamento trazido pelos rios tiver enterrado as lagunas, e as febres tiverem expulsado os últimos míseros habitantes, e todas as casas tiverem ruído, e sobre os amplos espaços cobertos de ervas as arvorezinhas magras tiverem produzido uma breve sombra, se levantarão, todavia, ao cair da tarde, sob as nuvens douradas, os remanescentes de alguns vetustos edifícios. A igreja dos Frari mostrará desventuradas as suas enormes naves; de longe, a avolumada cúpula da Salute dominará impassível; mais distante, o templo dos Santos João e Paulo será um amontoado de ruínas, com exceção das cinco absides, e restará intacto o Colleoni sobre o pedestal disforme, mas os ornatos do Hospital, tão finos, tão delicados, deverão ser procurados entre os restos e os fragmentos. A praça de São Marcos, que estupor! Três cúpulas da basílica, periclitantes, ainda não terão caído; os mosaicos do interior das abóbadas poderão ser vistos da parte de fora e, através das lacerações das muralhas desmanteladas, resplandecer o ouro; e os mármore e os pórfiros e os alabastros das colunas rotas emitirão, naquela tristeza sepulcral, estranhas cintilações.

Quanto ao Palácio Ducal, o mais maravilhoso palácio do mundo, não pareceria necessário, deixando-o como estava, esperar mil ou dois mil anos, nem talvez cem ou dez, antes de vê-lo reduzido ao apropriado ideal de pitoresca beleza. Boa parte das bases e dos capitéis, e alguns fustes de colunas, e muitos pedaços dos ligamentos dos arcos estavam reduzidos a fragmentos. Agora é necessário também que os blocos de pedra, que não sustentam mais, sejam substituídos por novos. Certamente, é uma pena; certamente, é uma profanação; mas, enfim, o que se queria era o palácio em pé ou por terra? Alguém diz: deveriam fazer um novo núcleo para os capitéis, por exemplo, e depois recolocar ao seu redor a superfície dos antigos, com as suas folhagens e as suas pequenas figuras admiráveis. É mesmo? E os senhores crêem que esses capitéis, já despedaçados e dilacerados, reduzidos assim a um fino folheado, não estariam, após alguns anos, dissolvidos a pó? Uma vez destruídos, quem mais os admiraria? Não seria melhor reproduzi-los minuciosamente e guardar os antigos em uma sala ali ao lado, onde os estudiosos, presentes e futuros, poderão pesquisá-los a seu bel-prazer? Faz-se o que se pode neste mundo; mas nem mesmo para os monumentos se encontrou, até agora, a *Fonte da Juventude*.

Há dois anos, uns cinquenta pintores, escultores e arquitetos, entre os quais Favretto, Mion, Dal Zotto, Marsili e outros intrépidos, fizeram uma adesão formal a um opúsculo sobre o Futuro dos Monumentos em Veneza, escrito com furor, rico em coisas poéticas e em coisas sábias, no qual se lê:

*Não nos iludamos, é impossível, tão impossível quanto ressuscitar um morto, restaurar qualquer coisa que foi grande e bela em arquitetura ... Replicarão: pode surgir a necessidade de restaurar. Concedamos. Olhe-se bem nos olhos tal necessidade e compreenda-se o que significa. É a necessidade de destruir. Aceitem-na como tal destruam o edifício, dispersem as pedras, façam delas lastro ou cal se quiserem; mas façam isso honestamente, e não coloquem uma mentira no lugar do verdadeiro*².

Isso segue uma lógica, mas uma lógica impiedosa. Não podendo conservar incólume o monumento, destruí-lo, ou deixá-lo, sem reforços e sem as inevitáveis renovações, morrer de sua morte natural, em paz. A arte do restaurador volta a dizê-lo, é como a do cirurgião. Seria melhor (quem não o vê?) que o frágil corpo humano não precisasse dos auxílios cirúrgicos; mas nem todos crêem que seja melhor ver morrer o parente ou o amigo do que fazer com que lhes seja amputado um dedo ou que usem uma perna de pau.

2. O trecho da obra *L'Avvenire dei Monumenti in Venezia* (Venezia, Fontana, 1882), citado por Boito, tem sua origem nos escritos de John Ruskin, especificamente na *Lâmpada da Memória*, publicado nas *Sete Lâmpadas da Arquitetura* pela primeira vez em 1849.

Disse no princípio que a arte de restaurar é recente e que podia encontrar as suas teorias somente em uma sociedade que não tivesse nenhum estilo seu na arte do Belo, mas que fosse capaz de compreendê-los e, quando oportuno, de amá-los todos. Encontramo-nos nesse caso há pouco mais de meio século; mas, apesar de o tempo ser breve, até mesmo os critérios sobre o restaurar se transformaram, principalmente nesses últimos anos. Nem eu, senhores, confesso-o, sinto-me livre de alguma contradição.

Existe uma escola, já velha, mas não morta, e uma nova. O grande legislador da velha foi Viollet-le-Duc, que com seus estudos históricos e críticos sobre a arte da Idade Média na França fez progredir a história e a crítica também na Itália. Foi também arquiteto, mas de valor contrastante, e restaurador, até há pouco elevado aos céus por todos, agora afundado no inferno por muitos pelas suas mesmas obras na antiga cidade de Carcassonne, no castelo de Pierrefonds e em outros insígnis monumentos. Eis a sua teoria, da qual derivou sua prática: "Restaurar um edifício quer dizer reintegrá-la em um estado completo, que pode não ter existido nunca em um dado tempo"³. Como fazer? Colocamo-nos no lugar do arquiteto primitivo e adivinhamos aquilo que ele teria feito se os acontecimentos o tivessem permitido finalizar a construção. Essa teoria é cheia de perigos. Com ela não existe doutrina, não existe engenho que sejam capazes de nos salvar dos arbítrios: e o arbítrio é uma mentira, uma falsificação do antigo, uma armadilha posta aos vindouros. Quanto mais bem for conduzi da a restauração, mais a mentira vence insidiosa e o engano, triunfante. Que diriam os senhores de um antiquário que, tendo descoberto, digamos, um novo manuscrito de Dante ou de Petrarca, incompleto e em grande parte ilegível, se propusesse a completar, de sua cabeça, astutamente, sabiamente, as lacunas, de modo que não fosse mais possível distinguir o original dos acréscimos? Não maldiriam a habilidade suprema desse falsário? E até mesmo poucos períodos, poucos vocábulos interpolados em um texto não lhes encham a alma de tédio e o cérebro de dúvidas? Aquilo que parece tão reprovável no padre Piaggio e no monsieur [sic] Silvestre, seria, ao contrário, razão de louvor para o arquiteto restaurador?

Em 1830, Vitet foi nomeado inspetor geral dos monumentos históricos na França e, cinco anos depois, foi substituído por Mérimée, aquele autor de graciosos romances, o qual chamava os italianos "un tas de fumistes et de musiciens"⁴, e declarava desprovida de gosto e de imaginação a arquitetura dos palácios venezianos, e notava como toda a música de Verdi *et consorts* se assemelhava a uma roupa de arlequim, e de Milão, dizia: "Vous ai-je parlé des cailles au riz qu'on mange à Milan? C'est ce que j'ai trouvé de plus remarquable dans cette ville"⁵. Isso importa pouco, mas Mérimée foi também secretário de uma Comissão eleita em 1837 para classificar e conservar os monumentos franceses, a qual falava coisas preciosas. Ouçam:

Nunca se repete suficientemente que, em relação à restauração, o primeiro e inflexível princípio é este: não inovar, mesmo quando se fosse levado à inovação pelo louvável intento de completar ou de embelezar. Convém deixar incompleto e imperfeito tudo aquilo que se encontra incompleto e imperfeito. Não é necessário permitir-se corrigir as irregularidades, nem alinhar os desvios, porque os desvios, as irregularidades, os defeitos de simetria são fatos históricos repletos de interesse, os quais freqüentemente fornecem os critérios arqueológicos para confrontar uma época, uma escola, uma idéia simbólica. Nem acréscimos, nem supressões.

3. Cf. a tradução do texto de E. E. Viollet-le-Duc, *Restauração*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2000, p. 29.

4. Em francês no original. "Um monte de levianos e de músicos", A palavra francesa fumiste tanto se refere ao limpador de chaminés quanto a uma pessoa que não leva seu trabalho a sério.

5. Em francês no Original. "Falei para vocês sobre as codornas com arroz que se come em Milão? É o que encontrei de mais notável nessa cidade."

Em 1837, realmente, "do dito ao feito existia uma grande distância"; mas e agora? Não poderia alguém interromper-me, gritando: "entre o dizer e o operar existe em meio o mar?"⁶ Quanto me dói que a hora do almoço me impeça de poder mostrar-lhes, senhores, em que casos certas exceções devem vencer a santa regra geral, e como o Gênio, que se chama civil, é a maior praga dos monumentos italianos e, finalmente, de que modo o Governo poderia e deveria reordenar utilmente seu gabinete nessa matéria. Assim, sobre as restaurações arquitetônicas, concluo:

1º) É NECESSÁRIO FAZER O IMPOSSÍVEL, É NECESSÁRIO FAZER MILAGRES PARA CONSERVAR NO MONUMENTO O SEU VELHO ASPECTO ARTÍSTICO E PITORESCO;

2º) É NECESSÁRIO QUE OS COMPLEMENTOS, SE INDISPENSÁVEIS, E AS ADIÇÕES, SE NÃO PODEM SER EVITADAS, DEMONSTREM NÃO SER OBRAS ANTIGAS, MAS OBRAS DE HOJE.

Antes de terminar, gostaria de dizer-lhes, senhores, que me veio um remorso. Temo ter caluniado os séculos passados ao repetir-lhes que sabemos excogitar melhor do que nossos predecessores as belezas do passado. O fato é verdadeiro; mas nós pesquisamos, por exemplo, a Antigüidade Clássica através do terso cristal da nossa crítica erudita, aguda, pedante, esmiuçadora, curiosa, enquanto, por exemplo, o Renascimento a via através da lente de seu próprio gênio artístico singular e, jurando imitar, recompunha, recriava. Tanto a nossa é uma piedosa sabedoria infecunda, quanto aquela era uma invejável ignorância prolífica.

Temos pouco com que nos alegrar. Pensando como é avaro, sórdido o Balanço do nosso Reino em tudo aquilo que se refere às incontrastáveis glórias históricas italianas - os monumentos, as artes, as indústrias místicas -; pensando nos inumeráveis objetos belos de todas as espécies e de todos os tempos, que a velha Itália soube realizar, e que hoje a nova sabe vender, sente-se o rubor aquecer a face, e recorda-se aquele rei ostrogodo, que, com a pena de Cassiodoro, escrevia ao prefeito de Roma:

O decoro das construções romanas exige que tenhamos um curador, para que essa admirável abundância de obras seja conservada com diligência. A nossa generosidade não desiste da intenção de manter as coisas antigas e de vestir as novas com a glória da antigüidade.

E pensamos nas palavras de uma dama, dignas de serem repetidas, não somente aos negociantes ávidos, mas também ao duque milionário, que vende aos estrangeiros a pintura de Pietro Perugino, e ao conde milionário, que vende aos estrangeiros a *Família de Dario*, pintada por Paolo Veronese para os ancestrais do mesmo patrício vil que dela faz dinheiro. Havia, pois em Florença um certo senhor Battista della Palla, homem facultoso, narra Varchi, e bom de prosa, que andava colecionando, o quanto mais pudesse, esculturas e pinturas e medalhas e outras coisas antigas, e as mandava ao rei Francisco de França. Ora, ele tanto falou que persuadiu a Senhoria a dar ordem para que fossem pagos e depois retirados, para dá-las àquele rei, os ornamentos da câmara de Pierfrancesco Borgherini, onde tinham trabalhado Iacopo da Pontormo, Granacci, Baccio d'Agnolo e Andrea del Sarto. Apresentou-se, com os mensageiros dos Senhores, Battista della Palla na casa de Pierfrancesco, e ali encontrou a mulher deste, a senhora Margherita, filha de Ruberto Acciaiuoli, a qual disse:

6. No original essas duas expressões, "dal detto al fatto c'era un gran tratto" e "tra il dire e il fare c'è in mezzo il mare", significam que existe uma grande distância entre o falar e o fazer.

Pois então você quer ousar, Giovambattista, vilíssimo regateador, mercadorzinho ordinário, arrancar os ornamentos das câmaras dos fidalgos e despojar esta cidade das suas mais ricas e honoráveis coisas, como fez e ainda faz para embelezar as localidades estrangeiras e os nossos inimigos? Isso, vindo de você, não me admira, homem plebeu e inimigo da sua pátria; mas dos magistrados desta cidade, que permitem essas suas abomináveis celeridades... Saia desta casa com essa sua quadrilha, Giovambattista, e vá, e diga a quem o enviou, mandando que estas coisas sejam levadas de seu lugar, que eu sou aquela que não quer que nada daqui de dentro se mova.

Prouvera ao Céu, senhoras e senhores, que um fato assim indigno e um amor como esse aquecessem o nosso ânimo para preservar para a Itália os monumentos da sua grandeza passada!